

Olhe para cima e para o clima: o cinema na sensibilização do colapso climático¹

Lohaine Barbosa LOHMANN²

Universidade Federal de Mato Grosso, MT

RESUMO

O trabalho tem como ideia principal a tese de que os desastres ambientais que encontramos em diversos filmes, principalmente os do gênero de ficção científica já fazem parte da nossa realidade, presente e futuro. Para embasar essa ideia, fazemos um diálogo entre o antropólogo Bruno Latour, um dos mais importantes da atualidade e o filme norte-americano “Não Olhe para Cima”. Teoria e ficção apontam como o negacionismo climático está cada vez mais presente e recorrente. Com isso vemos a importância do cinema como uma ferramenta da cultura científica. Cinema e ciência, Natureza e cultura, Realidade e ficção se tornam cada vez mais faces de um problema e solução.

PALAVRAS-CHAVE: colapsologia; cinema; clima; ficção; comunicação.

INTRODUÇÃO

O relógio corre contra o tempo. O solo desaba sobre nossos pés. A gente corre contra o tempo em busca de um novo solo. Tempo e solo, duas coisas que substancialmente nos faltam. Em território nacional, somente desde o início de 2022 presenciamos quase que diariamente desastres como: rochas se desprendendo de cânion e matando 10 turistas³, mais de 900 mil pessoas afetadas e 27 óbitos pelas fortes chuvas na Bahia⁴, a variante Ômicron do novo Coronavírus em grande escala de contágio⁵, relatório divulgando mostrando que somente 41% da verba destinada à fiscalização foi

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação e orientada pela Professora Dra. Michele Sato. Participante do grupo de pesquisa GPEA (Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. e-mail: loh.lohmann@gmail.com

³ Reportagem Capitólio MG: <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2022/01/16/tragedia-em-capitolio-completa-uma-semana-relembre-os-principais-pontos.ghtml>

⁴ Reportagem Chuvas na Bahia: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/01/16/sobe-para-27-o-no-de-mortos-por-cao-das-chuvas-na-ba.ghtml>

⁵ Reportagem Ômicron: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/medicos-explicam-os-motivos-para-o-crescimento-da-variante-omicron-no-brasil/>

utilizada pelo IBAMA em 2021⁶. Alguns ainda insistem, de forma inocente (mas consciente) denominar isso de “crise” ecológica. Mas, como afirma Bruno Latour (2020) estaríamos vivendo uma crise se ela tivesse chance de acabar, de ser superada. Essa chance já perdemos há algumas décadas. Não existe crise porque não existe recuperação. Estamos vivendo uma mutação⁷, estamos vivendo o colapso climático. Quando falamos em colapso Servigne e Stevens (2020) pontuam claramente que não estamos falando do fim do mundo, do apocalipse nem de catástrofes específicas como as exemplificadas anteriormente. Para os autores:

Un colapso es «el proceso a partir del cual una mayoría de la población ya no cuenta con las necesidades básicas (agua, alimentación, alojamiento, vestimenta, energía, etc.) cubiertas [por un precio razonable] por los servicios previstos por la ley». Por tanto, se trata de un proceso irreversible a gran escala, como el fin del mundo, efectivamente, ¡solo que no es el fin! Lo que vendrá después se prevé de larga duración, y habrá qué vivirlo con una certeza: no tenemos manera de saber en qué consistirá (SERVIGNE; STEVENS, 2020, p, 10).

No início do segundo semestre de 2022 o cenário mundial é ainda mais alarmante e parecido com o que vemos nos filmes de ficção científica: temperaturas no níveis mais altos já registrada e centenas de mortes registradas pela forte onda de calor na Europa⁸. Grandes livros ou filmes com a temática apocalíptica nos dão a falsa sensação de que: ou teremos um salvador do planeta (geralmente algum cientista homem, branco e europeu) ou no pior dos cenários seremos exterminados de forma rápida. Não é isso que vemos ao ligar os noticiários e também não foi isso que vimos no final do filme “Não Olhe para Cima”.

A pesquisa bibliográfica e o diálogo entre ficção e teoria abordado no presente artigo faz parte do estudo de doutorado em que o mote principal é justamente a ideia de que a ficção científica não é mais ficção. O curso de doutorado está sendo realizado no programa de pós-graduação em educação na linha de pesquisa de meio ambiente.

⁶ Reportagem Ibama: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/02/01/ibama-gastou-41percent-da-verba-disponivel-para-fiscalizacao-em-2021-diz-relatorio.ghtml>

⁷ Mutação Climática: Termo cunhado por Bruno Latour no livro “Face à Gaia” (2015).

⁸ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/18/na-europa-onda-de-calor-provoca-centenas-de-mortes.ghtml>

Finalizando o primeiro ano de estudos no mesmo mês do evento Intercom, a ideia é trazer para discussão o aporte teórico e os possíveis diálogos entre cinema e a sensibilização sobre a colapsologia⁹. O artigo é composto pela ideia do cinema como uma ferramenta da cultura científica – importante na sensibilização e difusão das ciências perante a sociedade, seguido da aproximação entre cinema e clima e por último um diálogo entre Bruno Latour e o filme “Não Olhe para Cima”.

CULTURA CIENTÍFICA E CINEMA: QUEBRANDO O DUALISMO

Mantendo o paralelo entre ficção e realidade que permeia grande parte desse estudo em fase inicial, não podemos deixar de falar do clássico antagonismo entre Cultura e Natureza. Podemos dizer que os roteiristas desses dois protagonistas foram os filósofos pré-socráticos, que buscaram na racionalidade e não mais no sobrenatural uma explicação para o mundo. Cultura é um dos termos mais complexos da nossa língua, do outro lado da nossa estória, Natureza também leva consigo uma miríade de significados.

Tylor (1881) e Boas (1932) são autores clássicos e que trouxeram os primeiros conceitos de cultura. Para Tylor a definição de cultura seria o “todo mais complexo”, esse abarcando hábitos, artes, crenças entre outras questões. Boas (1932) foi um dos primeiros autores a ir contra a ideia evolucionista de cultura. Foi com Franz Boas que a ideia de cultura foi pluralizada, por assim dizer, e passamos a pensá-la não mais como apenas condições adquiridas pelo homem como membro da sociedade e sim como um modo de vida. O alemão nos apresenta a concepção de relativismo cultural e afirma que “não podemos ter a esperança de alcançar qualquer conclusão relativa às condições que controlam a história geral da cultura” (BOAS, 2005, p.97), ou seja, cada indivíduo tem sua própria experiência e enxerga e age sobre o mundo de acordo com essa vivência.

Já o antropólogo americano Clyde Kluckhohn (1947) foi um dos primeiros teóricos a associar o ambiente global criado pelo homem como uma espécie de herança social definindo cultura como sendo uma forma de pensar, sentir e acreditar de acordo

⁹ o processo a partir do qual a maioria da população deixa de ter as necessidades básicas (água, alimentação, alojamento, vestuário, energia, etc.) cobertas [a um preço razoável] pelos serviços prestados por lei. Portanto, é um processo irreversível em grande escala, como o fim do mundo, aliás, não é o fim! O que virá a seguir está previsto há muito tempo, e teremos que vivê-lo com uma certeza: não temos como saber em que consistirá. No entanto, se nossas "necessidades básicas" estão em perigo, é fácil para nós imaginar que a situação pode ser incalculavelmente catastrófica (SERVIGNE; STEVENS, 2015).

com o meio em que vive. Esse panorama histórico acerca do conceito de cultura é importante para compreendermos que até os dias de hoje temos no campo acadêmico uma miríade de pontos de vistas teóricos e novos termos vindos do conceito de cultura, que é o caso da cultura científica e a ligação de cultura com outras ideias.

Jean Caune (2014) é um autor contemporâneo que promove uma aproximação de cultura e comunicação. Para ele cultura e comunicação caminham juntas – uma não existe sem o outra, sobre isso o autor diz “cultura e comunicação se posicionam de uma forma curiosa, em uma interface, que nos sugere como representação a figura geométrica presente na *fita de Möbius*¹⁰. (CAUNE, 2014, p.8). e é a partir dessa perspectiva que trazemos também a ciência para o centro dessa discussão. Ao admitirmos que cultura e comunicação caminham juntas, emprestamos de Carlos Vogt a ideia de que “não há ciência sem comunicação”, (VOGT, 2006, pg. 85), reconhecendo comunicação e ciência entrelaçadas à cultura.

Como pontua o antropólogo Marshall Shalins (1990) existem diferentes visões e variações da cultura ao dizer que “em maior ou menor grau, os significados (culturais) são reavaliados quando utilizados na prática” (SHALINS, 1990, p.7). Ou seja, história e cultura também estão entrelaçadas: a história é ordenada culturalmente de diferentes modos enquanto os próprios esquemas culturais são ordenados historicamente. Essa ideia é importante para entendermos que o próprio conceito de cultura científica não é dado como único e fechado.

Uma gama de termos, como: alfabetização científica, popularização da ciência, percepção/compreensão pública da ciência, divulgação da ciência foi adotada por outros autores. Optamos pela ideia de Vogt, pois além de englobar todos esses conceitos dos termos já consolidados possui em seu campo de significação “a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural” (VOGT, 2006, p.24). Ou seja, na esfera da produção, difusão e divulgação da ciência, mentem-se a ideia de uma construção relacional entre o cidadão e seus valores culturais, levando em conta contexto histórico.

Além do mote de ciência como sendo parte de um processo cultural, o autor brasileiro faz a aproximação entre ciência e arte, se aproximam justamente em suas devidas finalidades, no caso da ciência, isso “se dá pela demonstração lógica e pela

¹⁰ Criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, sua representação mais comum é parecida com o símbolo do infinito e sua principal característica é ser um objeto não orientável. Não é possível definir o que é parte interna, externa, superior ou inferior.

experiência; no caso da arte, pela sensibilização do conceito em metáfora e pela vivência” (VOGT, 2006, p. 24). Muitos autores modernos como também no caso do Bruno Latour buscam quebrar a dualidade de conceitos como natureza/cultura; humano/não-humano; ciência/arte.

Considerando a correlação entre ciência e comunicação, consideramos aqui também os agentes midiáticos como difusores. Ciência é comunicação assim como comunicação é ciência, uma depende da outra desde as etapas iniciais até a ferramenta escolhida para sua propagação podemos entender que ciência é comunicação, ou, ao menos, depende da comunicação para sua propagação, muitas vezes quando não se existe comunicação, a pesquisa não é legitimada.

O processo de propagação da ciência aborda, além de dispositivos tecnológicos, as chamadas mídias tradicionais como rádio, televisão, jornal e audiovisual. A difusão é feita conforme as ferramentas que estão disponíveis e de acordo com a evolução tecnológica no formato de comunicar. Nesse sentido vale ressaltar que a globalização modificou o modo como entendemos e participamos do mundo nas esferas comunicacionais, ambientais, sociais e econômica e científica.

É validada a ideia da influência que os meios comunicacionais exercem sobre o próprio pesquisador e cientistas a partir da divulgação por meios comunicacionais. O intuito da pesquisa é fazer uma reflexão de como o cinema contribui para o fortalecimento da cultura científica, principalmente em uma das questões mais importantes da contemporaneidade: o meio ambiente e o negacionismo climático que assola todos os cantos do planeta terra.

Tendo em mente que o intuito da cultura científica, principalmente nos termos de Vogt, é fazer com que a ciência seja parte da cultura gerando reflexões e diálogo entre ciência e sociedade, por que não entender como essa interação acontece a partir de uma das mídias mais sensíveis e potentes que é o cinema? Assim compreendemos o cinema e o filme de ficção científica, nesse momento do trabalho, especificamente o famoso e recente “Não Olhe para Cima” como um importante componente da cultura científica para a sensibilização sobre o colapso climático que estamos vivendo.

CINEMA E CLIMA: TEMPERATURA MÁXIMA

Ao longo da evolução humana muitas coisas mudaram, mas uma delas permanece a mesma – ainda que através de ferramentas distintas: o ato de contar histórias. Desde o

princípio estamos contando histórias, seja através de gestos, fala, escrita, desenhos, o primeiro registro oficial de comunicação. A partir dessa troca comunicacional a sociedade foi se desenvolvendo e expandindo seu conteúdo de pessoa para pessoa, de geração para geração, ou seja, as múltiplas culturas.

Assim como as tecnologias de informação e meios de comunicação estão em constante evolução, o ato de contar histórias também vem sendo modificado, a fim de se adaptar as crescentes evoluções que nos atingem e o cinema é até hoje uma das formas mais eficazes de sensibilizar o espectador. Falar em cinema é, antes de qualquer coisa, pensar na imagem e seus signos. A partir disso é necessário pensar o cinema além da estética do ver e pensar o cinema como um modo de existência. Portanto, analisar as questões climáticas da contemporaneidade a partir do universo cinematográfico requer manter um diálogo constante com a filosofia, fenomenologia e educação ambiental para uma abordagem ética, estética e de sensibilização.

É na narrativa ficcional que temos a oportunidade de ir além do que foi visto na tela de cinema e construir e reconstruir as histórias que nos foram contadas. Oliveira (2006) aponta que o impacto tanto da ciência quanto dos cientistas nas produções cinematográficas é uma variável que está de acordo com o contexto tanto da produção quanto da recepção desses filmes, juntamente com os contextos culturais onde são exibidos. Os diferentes contextos dos quais os imaginários científicos são formados e com os vários discursos presentes em um texto faz com que não exista “um discurso sobre a ciência, mas sim um processo polifônico de construção de discursos...” (OLIVEIRA, 2006, p. 148).

É nesse processo de construção e sensibilização que pode vir a ocorrer na exibição de um filme com temática climática que novos discursos possam emergir a partir deles para que possamos nos munir de arte, sensibilidade, conhecimento teórico, conhecimento imagético, devaneios poéticos para passar pelo movimento da colapsologia que já nos assola de uma forma mais justa socialmente.

O termo “ficção científica” foi difundido e popularizado nos anos 20 – vindo da literatura, como a grande maioria dos gêneros cinematográficos. Mas isso não significa que antes dessa data o mundo já não era inundado pelas inúmeras produções relacionadas ao tema. No cinema, Georges Méliès produziu o primeiro filme considerado como gênero de ficção científica, o ilustre “*Viagem à Lua*” do ano de 1901,

ou seja, muito antes da difusão do termo “ficção científica”. Ainda que existam biografias, reconstruções de casos reais, documentários, entre outros estilos, inegavelmente é na ficção científica o campo em que a ciência está mais presente no universo cinematográfico como um personagem central da trama e de maneira mais clara e facilitadora para o telespectador e com difusão mais ampla.

Muito mais que algo meramente ficcional, o gênero *sci-fi* trata de uma tensão contemporânea. Muitos sucessos antigos da ficção científica são realidade nos dias atuais, obviamente dado as suas devidas proporções. Podemos atrelar o computador do clássico “2001: uma odisseia no espaço” ao que hoje conhecemos como *tablet*. O carro voador da trilogia “De Volta Para o Futuro” ainda não se tornou concreto – ao menos que seja de conhecimento geral, mas o que hoje chamamos de casa inteligente, era utopia e realidade distante e imprevisível no lançamento do filme em 1985.

O gênero é tão contemporâneo e necessário que existe um subgênero dentro da classificação de ficção científica voltado somente para filmes que abordam a mudança climática (*cli-fi*), questão da qual a humanidade já é atingida e modificada. Não como mostrado nos filmes, principalmente nos mais apocalípticos como “2012”, mas é uma forma de pensarmos na importância de que o assunto seja, muito mais que apenas difundido, cause sensibilização no espectador. Apenas quando nos sentimos sensibilizados podemos buscar a mudança. Por isso se faz necessário aproximar a linguagem cinematográfica com a educação ambiental e dialogar com teorias e evidências do negacionismo climático pelo qual estamos passando.

Alguns autores como Jennifer Peterson e Graig Uhlin (2019) atribuem às histórias cinematográficas como sendo instrumento empírico e ideológico para registro do impacto humano nos vários ecossistemas da Terra. Outros autores como Luís Nogueira (2010) afirmam que a ficção científica, apesar do termo “ficção” possui elementos e especulação sobre mundos e acontecimentos possíveis a partir de hipóteses verossímeis. Muitos dos filmes desse gênero possuem em sua equipe de produção especialistas na área - coisa que até então só estávamos acostumados a ver em documentários.

NÃO OLHE PARA CIMA, OLHE PARA O CLIMA

Quando falamos em mudança de era/época geológica estamos falando em uma história de milhares de anos. Apesar de antropoceno¹¹ ser um termo novo e que está sendo estudado de forma ampla na contemporaneidade, vale lembrar que a ideia de vivermos em um mundo comprovadamente afetado pelo ser humano vem sendo desenhada há muito tempo atrás. Clyde por exemplo, não é estudioso em geologia, mas definiu, nos anos 40, cultura como algo que o indivíduo adquire muito pela questão do ambiente global em que vive e que ele mesmo criou.

Anteriormente abordamos a grande quantidade de exemplos sobre o clima nas telas cinematográficas. Porém, por se tratar de ser um filme atual, com muito alcance, sucesso de críticas (positivas e negativas), escolhemos dialogar com teoria e realidade a comédia sátira “Não Olhe para Cima”. O pano de fundo do sucesso estrondoso da plataforma de streaming Netflix é justamente o negacionismo climático que acontece na atualidade. Essa atualidade muito bem simbolizada pela era do antropoceno na qual estamos vivendo, em que a ação humana toma conta de cada reação que o planeta tem tido conosco.

Dirigido por Adam McKay, que tem em seu currículo premiações importantes do audiovisual mundial como Oscar, Emmy e BAFTA, o ator, cineasta, produtor, roteirista e comediante lançou em 2021 o polêmico “Não Olhe para Cima”. Com estrelas como Leonardo DiCaprio, Meryl Streep, Jonah Hill, Cate Blanchett e Jennifer Lawrence, o longa estadunidense concorreu ao Oscar de melhor filme mesmo com todas as críticas e boicotes sofrido por grande parte do público.

O filme conta a jornada de dois astrônomos que descobrem um meteorito capaz de destruir o planeta Terra em poucos meses. A partir da descoberta, os cientistas vão em busca de alertar autoridades e população sobre o perigo iminente que se aproxima. O filme que pode ser categorizado também como uma ficção científica funciona muito mais com um documentário.

É importante retomar que o ano do lançamento do filme foi 2021, após importantes eventos como a eleição de Donald Trump e a saída dos EUA do Acordo de Paris¹². O livro “Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno” do filósofo, antropólogo e sociólogo Bruno Latour foi lançado em 2017 em um cenário

¹¹ Termo cunhado por Paul Crutzen e popularizado nos anos 2000. Designa uma nova época geológica caracterizada pelo impacto do humano na Terra.

¹² Tratado mundial que tem como objetivo reduzir o aquecimento global.

onde Trump também já estava eleito. Não coincidentemente o livro de 2017 e a ficção de 2021 têm muito mais em comum do que imaginamos.

Bruno Latour é um dos poucos autores vivos que estão influentes nas diversas áreas das ciências sociais. O francês é muitas vezes incompreendido na área. Com uma ideia de desmitificar as dualidades, Latour dificilmente se encaixa em um único compartimento epistemológico.

A Educação Ambiental, assim como Bruno Latour prioriza o conhecimento e a ciência como sendo interdisciplinar junto “a necessidade de um conhecimento que satisfaça os vínculos, busque as interações e implicações mútuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades solidárias e conflituosas, que respeite a diversidade do todo, reconhecendo as partes e suas injunções” (SATO; PASSOS, 2003, p.13).

Na obra de 2017 Latour nos instiga com a hipótese de uma “ficção política” encabeçada por três importantes fenômenos que não são associados entre si por especialistas e cientistas políticos mas que de alguma forma possui uma “imensa energia política” extraída da aproximação desses três eventos. São eles: 1) a “desregulamentação” vinda do aparente fim de um curso histórico ocorrido no início dos anos 90*, mas que foi sorratamente substituída por outra história; 2) explosão de desigualdade encadeada pela globalização; e 3) a negação da existência da mutação climática¹³

Esses três fenômenos têm em comum o enredo principal do filme “Não Olhe para Cima”, ambos mostram que parte da elite chegou à conclusão de que não há mais lugar suficiente na Terra para eles (elite) e o resto dos habitantes. Ao entender a possibilidade de ter a hegemonia ameaçada pela reação da terra aos malefícios da globalização, a solução encontrada foi denegar a ciência e fazer com que o conhecimento científico desapareça.

A elite pode ser representada pelo filme no personagem Peter Isherwell, brilhantemente interpretado por Mark Rylance. O CEO de uma empresa de tecnologia chamada BASH é considerado um dos vilões do filme. Considerada a pessoa mais rica da terra, o empresário não está satisfeito em dominar um só planeta, buscando assim a possibilidade de um novo mundo para aterrar, investindo na exploração de novos planetas. Elon Musk é um dos empresários mais comentados dos últimos tempos e a

¹³ Termo de Bruno Latour no livro Diante de Gaia para contrapor a expressão “crise climática”. Para o autor crise é uma tentativa de nos convencer que as coisas irão voltar ao normal. Mutação é um termo mais apropriado, indica transformação, mudança de narrativa.

peessoa mais rica do mundo em 2021 segundo a revista Forbes. Ele é fundador, diretor, co-fundador de empresas como SpaceX, Tesla e SolarCity. Musk se diz um filantrópico com o plano de colonizar Marte a partir dos anos 2030 com Starships saindo do planeta Terra¹⁴.

Já outra premissa de Latour que é a de que não compartilhamos o mesmo mundo, pode ser encontrada no longa cinematográfico a partir da comparação entre dois núcleos fundamentais na trama: o político e o científico. O núcleo político liderado pela personagem de Meryl Streep, a presidenta dos EUA Jane Orlean – em uma clara sátira a Donald Trump e seu filho Jason Orlean, interpretado pelo ator Jonah Hill. O núcleo científico é composto pelo doutor em astronomia Randall Mindy, interpretado pelo ativista ambiental e diretor do documentário Seremos História? * Leonardo DiCaprio e a estudante de doutorado Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence) muitas vezes tida como louca durante toda a trama. Esses personagens podem ser comparados com cientistas, pesquisadores, ativistas e o próprio Latour, que em seu livro “Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno” dedica uma parte exclusiva sobre quatro maneiras da ecologia nos enlouquecer.

Portanto a hipótese de ficção política proposta por Latour (2020) é muito semelhante ao que acontece no filme. A revolta da Terra – no filme a partir do meteoro que irá nos atingir e na vida real a partir das inúmeras tragédias naturais causadas pelo homem que ocorre todos os dias em todos os cantos desse mesmo planeta – é uma ameaça compreendida por grande parte da elite, porém essas mesmas elites estão empenhadas somente em proteger suas fortunas e manter o bem-estar. O que as elites fazem diante desse cenário é a conclusão de que a reviravolta da Terra vai custar caro, “mas quem vai arcar com esse prejuízo são os outros, não nós”. Essa frase está no livro de Bruno Latour, mas poderia facilmente ser a fala da personagem da presidente dos EUA, Jane Orlean.

O filme “Não Olhe para Cima” ao contrário dos climatoquietistas – acreditarmos na ideia de que tudo acaba de resolvendo no final e de que, assim como na maioria dos filmes, temos um salvador que vai nos proteger sem nada fazermos para merecer essa salvação. No filme, assim como acontece diariamente, não somos salvos. A natureza cobra. O meteoro nos acerta. Os cientistas são vencidos pelo negacionismo. As elites

¹⁴ Ver <https://mundoconectado.com.br/artigos/v/25080/elon-musk-revela-seus-planos-para-o-futuro-da-humanidade-e-marte>

aterram em um novo mundo enquanto “nós sofremos todas as consequências” (LATOIR, 2020, p.1).

CONSIDERAÇÕES

Ao longo da evolução humana muitas coisas mudaram, mas uma dela permanece a mesma – ainda que através de ferramentas distintas: o ato de contar histórias. Desde o princípio estamos contando histórias, seja através de gestos, fala, escrita, desenhos, o primeiro registro oficial de comunicação. A partir dessa troca comunicacional a sociedade foi se desenvolvendo e expandindo seu conteúdo de pessoa para pessoa, de geração para geração, ou seja, as múltiplas culturas.

Assim como as tecnologias de informação e meios de comunicação estão em constante evolução, o ato de contar histórias também vem sendo modificado, a fim de se adaptar as crescentes evoluções que nos atingem e o cinema é até hoje uma das formas mais eficazes de sensibilizar o espectador. Limite entre ficção e realidade, ainda mais em relação a questão climática já não são mais tão bem delimitados. O que antes parecia uma clara licença poética, hoje já soa como uma piada de mau gosto que vemos diariamente nas notícias e no jornal.

A ideia é compreender cada vez mais como o cinema do gênero de ficção científica se consolida como arte sensibilizadora no grupo de debate com pesquisadores da área de educação ambiental e com grupo de estudantes de pedagogia no movimento da Colapsologia. Sigo insistindo na sétima arte como sensibilizadora de assuntos relevantes justamente por acreditar que a compreensão epistemologia só acontece quando somos perpassados pelos devaneios poéticos e imagéticos que o filme (e a arte) pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15287– Informação e documentação – Projeto de pesquisa – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. **Notas desafinadas do poder e do saber:** qual a rima necessária à educação ambiental? In *Contrapontos*. V.3, N.1, jan/abr. 2003. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/700/553>>.

Latour, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno** (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. Ubu Editora, 2020.

PETERSON, Jennifer; UHLIN, Graig. In focus: film and media studies in the Anthropocene. **JCMS: Journal of Cinema and Media Studies**, v. 58, n. 2, p. 142-146, 2019.

CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação** – convergências teóricas e lugares de mediação / Jean Caune; tradução Laan Mendes de Barros. – 1. Ed. - São Paulo: Editora UNESP, 2014.

GEERTZ, Clifford, 1926 – **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. – 1.ed., 13.reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.